

Bibliotecas, ancoradouros seguros?

Maria Elisa Rodrigues Moreira¹

Leitor, é hora de sua agitada navegação encontrar um ancoradouro. Que porto pode acolhê-lo com maior segurança que uma grande biblioteca? Certamente haverá uma na cidade da qual partiu e à qual retorna depois de uma volta ao mundo de um livro a outro.

ITALO CALVINO. *Se um viajante numa noite de inverno.*

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão acerca da relação que se pode estabelecer entre a literatura e a biblioteca, figura emblemática e metafórica que tangencia o campo literário e o articula às reflexões pertinentes à coleção, ao arquivo e à enciclopédia. Para tanto, tomo as obras de Jorge Luis Borges e Italo Calvino como objetos para se pensar a própria literatura como uma biblioteca, ou seja, para avaliar como o texto literário pode se converter em vetor da produção de saberes vários.

Palavras-chave: Literatura. Biblioteca. Jorge Luis Borges. Italo Calvino.

Abstract: This article proposes a reflection about the relation that can be established between the literary and the library, which is a symbolic and metaphorical figure concerning the literary field and articulates relevant reflections on collection, archiving and encyclopedia. In order to do so, we take the works of Jorge Luis Borges and Italo Calvino as objects to think about literature itself as a library, in other words, to assess how the literary text can be converted into a vector of production for several knowledges.

Keywords: Literature. Library. Jorge Luis Borges. Italo Calvino.

Resumen: Este artículo propone una reflexión acerca de la relación que se puede establecer entre la literatura y la biblioteca, figura emblemática y metafórica que contacta con el campo literario y lo articula a las reflexiones pertinentes a la colección, al archivo y a la enciclopedia. Para ello, elijo las obras de Jorge Luis Borges e Italo Calvino como objetos para que se piense la literatura misma como una biblioteca, o sea, para evaluar cómo el texto literario puede convertirse en vector de la producción de distintas formas del saber.

Palabras-clave: Literatura. Biblioteca. Jorge Luis Borges. Italo Calvino.

¹ Doutora em Estudos Literários/Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2012). Professora do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde, em Três Corações (UninCor).

Com o texto da epígrafe com a qual abro este artigo, Italo Calvino (1999) inicia aquele que pode ser considerado o capítulo final da trama de *Se um viajante numa noite de inverno* (apesar de este ser o princípio do Capítulo 11, que antecede o breve capítulo de encerramento do livro, é nele que se retoma e amarra o tecido de leituras múltiplas que o livro constitui, e que constitui o livro). Assim também eu princípio esta reflexão acerca da relação que se pode estabelecer entre a literatura e a biblioteca, figura emblemática e metafórica que tangencia o campo literário e o articula às reflexões pertinentes à coleção, ao arquivo e à enciclopédia.

Se a biblioteca é, como afirma Lisa Block de Behar, um “lugar comum da literatura” (BEHAR, 2012, p. 29) – talvez por apresentar uma aura inquietante de conhecimento, uma vez que, como espaço destinado ao arquivamento de um saber escrito, ela se converte também em local de produção e expansão desse saber, pois se abre a processos de leituras e releituras dos quais germinam novos pensamentos –, ao aproximá-la da ideia de um ancoradouro pressupõe-se que ela possa ser tomada tanto como lugar de partida quanto como local de chegada, e nesse movimento pendular pode ser por ela que se traça o percurso mesmo da viagem.

Na cena calviniana, é para a biblioteca que se dirige o Leitor, protagonista da obra, com a esperança de nela encontrar pouso e respostas às intrincadas leituras que suas peripécias romanescas lhe propiciaram. Na tentativa do simples, até mesmo prosaico, ato de ler um livro, ele se envolveu com leitores dos mais diversos tipos, aventurou-se nos meandros do meio editorial, foi perseguido e

arriscou-se junto a tradutores, falsários, editores, professores etc. Leu dez princípios de romances que compõem uma espécie de catálogo da história da literatura em seus diversos gêneros e estilos, nos quais se podem identificar os traços de certos autores que conformam cânones literários distintos. Mas o Leitor não ficou satisfeito com essa viagem narrativa: ele quer ler a palavra “fim”, quer percorrer aquelas tramas até seu encerramento, continua desejoso de um epílogo para as histórias que viveu e conheceu. O Leitor quer abandonar o risco da viagem em favor da segurança do ancoradouro. Mas será a biblioteca realmente esse lugar? Podem as bibliotecas, as quais proponho pensar aqui com Jorge Luis Borges e Italo Calvino, ser realmente consideradas “ancoradouros seguros”?

Alan Pauls nos diz, ao pensar sobre a biblioteca em Borges, que

Comparado com as violências do mundo, o espaço fechado da biblioteca pode proporcionar amparo, segurança, um isolamento confortável, e as muitas formas de disciplina que governam os livros (inventário, ordem alfabética, classificação, catalogação etc.) bem podem ser um antídoto eficaz para conjurar os desplantos caprichosos da vida (PAULS, 2004, p. 93).

Pensada nesse sentido, a biblioteca seria um lugar de estabilidade, um espaço sólido e confiável. Afinal, nela encontra-se “tudo”, e esse “tudo” está disposto de uma forma muito particular:

[...] é óbvio que esse “tudo” tranquiliza porque reduz, corta ao máximo, limita algo – o saber, a cultura, a memória, a informação: a *economia do sentido* – que é infinito, que não cessa de escorrer, que sempre está crescendo e escapando em direções caprichosas... (PAULS, 2004, p. 93, grifos do autor).

E não é apenas isso que indica a segurança desse espaço: além de a biblioteca trazer um mundo inteiro confinado em um lócus reduzido, esse mundo “está ordenado, filtrado pela peneira de um conjunto de

categorizações”, de maneira que “o leitor, ao empreender a travessia, não corra o risco de se perder” (PAULS, 2004, p. 93).

Porém, o próprio lugar da biblioteca é já um lugar dúbio, um lugar de perda, repleto de labirintos, que se espraia sempre mais além de suas próprias fronteiras: suas interfaces com a coleção, o arquivo e a enciclopédia fazem dela um espaço complexo, ao mesmo tempo uma potência e um risco para o saber. Se passarmos a pensar em suas particularidades e no posicionamento limítrofe que ocupa, podemos perceber que sua segurança é mais uma imagem superficial que um retrato de fato, em especial se a tomarmos a partir das literaturas dos autores em questão, que ora fazem da biblioteca um pesadelo – “Eu procurei resgatar do esquecimento um horror subalterno”, diz Borges (1999, p. 27), “a vasta Biblioteca contraditória, cujos desertos verticais de livros correm o incessante risco de mudar-se em outros e que tudo afirmam, negam e confundem como uma divindade que delira” –, ora apontam a inexistência de qualquer lugar seguro – “Territórios seguros não existem; a própria obra é, e deve ser, território de luta”, afirma Italo Calvino (2009, p. 195).

É, pois, nesse espaço intervalar que a biblioteca se constitui, pensada tanto como um espaço físico de colecionamento e arquivamento quanto como um modelo de pensamento. Ela se constrói a partir de uma coleção, mas de uma coleção de livros, peculiaridade que é ressaltada por Walter Benjamin como fundamental por alterar em um ponto chave a lógica do colecionismo, o da relação funcional com os objetos: “Seria interessante estudar o colecionador de livros como o único que não necessariamente desvinculou seus tesouros de seu contexto funcional” (BENJAMIN, 2007, p. 241). Vemos assim, com

Benjamin, que a biblioteca não abole a funcionalidade dos objetos que a irão constituir, uma vez que os livros mantêm seu valor de uso mesmo quando passam a integrá-la. Mais ainda, acreditamos que se pode pensar num deslocamento provocado por uma amplificação desse valor: a funcionalidade de um livro, quando este passa a compor uma biblioteca, não apenas é mantida como se multiplica em razão dos diálogos que se poderão estabelecer entre ele e os demais livros que o acompanham, entre ele e os objetos textuais que dele se avizinham. A biblioteca e os livros tornam-se, desse modo, importantes figuras para pensarmos nos processos de produção de conhecimentos, pois se apresentam como uma imensa base de saberes disponíveis à leitura, à interpretação e à expansão, contínuas.

Como arquivo, como espaço topológico no qual se efetiva a inscrição de uma memória determinada pela injunção de uma série de relações de poder (DERRIDA, 2001), a biblioteca especifica-se por voltar-se primordialmente à escrita. A diversidade dos materiais e processos que fazem do arquivo um lugar de múltiplas facetas, que o aproximam dos museus pela miríade de objetos que contemplam, exigindo uma atitude transdisciplinar que permita que nele convivam materialidades as mais distintas, é na biblioteca subtraída pela memória de um saber letrado. Ainda que possamos aproximar Borges e Calvino, em muitos aspectos, do saber comum, assim como identificar em suas produções uma forte relação com a oralidade – Borges, por exemplo, tece grande parte de sua obra por meio de entrevistas e conferências, enquanto Calvino tem com a fábula e as narrativas orais um vínculo muito íntimo, que conforma o modo mesmo de sua escrita –, é a biblioteca constituída por suas escritas e por suas leituras o principal elemento por eles articulado no arquivamento de um pensamento

acerca do literário, arquivamento esse que também se faz pela letra grafada.

No que toca à enciclopédia (POMBO, 2006a, 2006b, 2006c), a biblioteca afasta-se dela por sua não condensação nos limites de um livro, por sua não conformação na figura do círculo do saber, podendo antes ser pensada como uma espiral que não apresenta um ponto de fechamento. Tomando-a nessa perspectiva, a enciclopédia é mais um dos livros da biblioteca, um livro distinto, é certo, pois que procura reproduzir num nível reduzido o tipo de pensamento que conforma a biblioteca. Ela é esse livro-biblioteca, o livro de areia, o livro dos livros, que não deixa, no entanto, de ser um dos exemplares da biblioteca. Partindo dos livros, deslocando memórias e possibilitando um conhecimento distinto e dialógico, “a biblioteca gera diálogos diferidos, reiterados e impossíveis. Ela permite justapor ideias, fatos e informações formulados outrora por autores diferentes, separados no espaço e no tempo” (JACOB, 2008b, p. 51).

Com Jorge Luis Borges e Italo Calvino é possível aproximar essa figura de saber da literatura, da prática criativa, crítica e teórica da literatura, convertendo-a numa produtiva metáfora para a reflexão sobre o campo literário. Os escritores aqui estudados explicitamente fazem da leitura seu processo de escrita: eles partem de sua coleção de leituras, de sua memória da literatura, para produzir seu próprio texto, e assim fazem de suas obras bibliotecas nas quais podemos encontrar, relidos e expandidos, os mais diversos livros e autores, oriundos de tempos, espaços e campos do saber diversos. Se percorremos as obras de Borges e Calvino como se nos movimentássemos em uma biblioteca, podemos articular os diversos materiais encontrados, textos que sempre

levam a outras fichas, a outros livros, a outras leituras. Como na cena exemplar com que abrimos este texto, no catálogo dessa biblioteca encontram-se todos os livros procurados, os dez romances e autores que perseguem o Leitor: “todos os autores e os títulos que procura constam do catálogo, no qual estão cuidadosamente registrados” (CALVINO, 1999, p. 256). Mas, apesar disso, o erro advém, o perigo passa a rondar a cena que tão promissora parecia. O Leitor é informado “de que deve ter havido um erro de numeração no catálogo”, de que, apesar de todos os livros ali estarem arquivados, “não será possível encontrar o livro”, nenhum deles (CALVINO, 1999, p. 256). A biblioteca efetiva começa, assim, a converter-se numa biblioteca de assombros, espaço habitado por fantasmas que, mais que nos guiar, parecem poder nos levar ao erro, nos conduzir à perdição.

A essa biblioteca assombrada e assombrosa em que se encontra e perde o Leitor, juntam-se as imagens de duas outras bibliotecas que povoam nosso imaginário, que o iluminam e incomodam, Alexandria e Babel, elas também promessas de sonhos e pesadelos. Ambas refletem uma noção de biblioteca que está, histórica e socialmente, vinculada à ideia de reunião de todo o conhecimento disponível no mundo, de fazer convergir para um único espaço todo o saber escrito produzido pela humanidade, levando-nos a pensar nos labirintos sobre os quais tanto Borges quanto Calvino detêm-se em alguns momentos de suas produções. Mas o que é, afinal, a biblioteca? O que determina sua existência, real ou imaginária? O que garante a persistência do lugar da biblioteca como equivalente ao lugar do pensamento? O que faz com que a biblioteca seja esse lugar comum da literatura e de outras manifestações artísticas, conforme apontou Lisa Block de Behar (2012)? Sem dúvida, o vínculo da biblioteca com a coleção e o arquivo apontam

alguns dos caminhos para traçar respostas a estas questões (MOREIRA, 2012), mas aqui gostaríamos de refletir acerca de aspectos mais específicos da biblioteca e da forma que ela adquire nas obras de Jorge Luis Borges e Italo Calvino.

Tomemos primeiramente a etimologia de biblioteca. Roger Chartier recorre ao *Dictionnaire* de Furetière, de 1690, para tentar uma aproximação com a biblioteca a partir da variação etimológica a ela relativa: conforme o historiador francês, o termo biblioteca indica tanto o “apartamento ou lugar onde se colocam livros; galeria, construção cheia de livros, [...] livros que são geralmente arrumados sob construções compridas e em arcos” quanto “uma coleção, uma compilação de várias obras da mesma natureza, ou de autores que compilaram tudo que se pode dizer sobre um mesmo tema” ou, ainda, “os livros que contêm os catálogos dos livros das bibliotecas” (CHARTIER, 1994, pp. 70-73). A biblioteca responde, pois, tanto a uma acepção de espaço físico quanto a uma acepção de gênero textual, uma espécie de transposição dessa totalidade pretendida do saber de um local específico para as páginas de um livro, que era então chamado de “biblioteca sem muros” ou “biblioteca sem paredes”, cuja principal vantagem era permitir a mobilidade do conhecimento. Luciano Canfora (1989, p. 117), por sua vez, ao percorrer antigas fontes documentais para identificar algumas das possíveis histórias relativas à biblioteca de Alexandria, a “biblioteca desaparecida”, retoma o capítulo “*De bibilothecis*”, das *Etimologias* de Isidoro de Sevilha, para ressaltar seu sentido espacial: “Biblioteca é nome de origem grega; o termo deriva do fato de que ali se conservam livros. Efetivamente *biblion* se traduz como livros e *théke* como depósito”. Mas recupera também Diodoro e sua *Biblioteca histórica*,

obra produzida pelo siciliano a partir de pesquisas na Biblioteca de Alexandria como uma compilação da história universal.

A esses sentidos buscados na etimologia acrescentamos dois outros, de teor mais crítico, acreditando que com essa justaposição conseguimos reunir, da maneira mais produtiva, os diversos aspectos da figura que compõem o que aqui vimos tentando entender como a biblioteca em Jorge Luis Borges e Italo Calvino. No prefácio ao livro *O poder das bibliotecas* (2008a), Christian Jacob irá afirmar a biblioteca como espaço de memória, de conservação de um patrimônio cultural em sua amplidão intelectual, artística e literária (como coleção e como arquivo, portanto), e também como espaço motor da produção de saberes:

A biblioteca é um lugar, uma instituição. É o cruzamento paradoxal de um projeto utópico (fazer coexistir num mesmo espaço todos os vestígios do pensamento humano confiados à escrita) com as restrições técnicas, ergonômicas, políticas de conservação, de seleção, de classificação e de comunicação dos textos, das imagens e, hoje, dos sons. É também, e simultaneamente, um desígnio intelectual, um projeto, um conceito imaterial que dá sentido e profundidade às práticas de leitura, de escrita e de interpretação. Enfim, é uma coleção de livros, o efeito resultante de sua justaposição e interação [...] (JACOB, 2008a, p. 10).

Por seu turno, em *La biblioteca en ruinas* (1994) Hugo Achugar parte da imagem dos restos de uma biblioteca para refletir sobre a cultura contemporânea, a literatura, a crítica e o lugar da América Latina nesse cenário:

Não há uma história como não há uma América Latina. Porém não é de histórias, mas de bibliotecas que quero escrever; de uma biblioteca em busca e movimento constante, de uma biblioteca em ruínas. E de hoje, deste espaço simbólico que é o fim do século/milênio que nos acolhe. O plural “nos” não se refere a vocês – improváveis leitores – mas a todos esses muitos que habitam minha mão enquanto

escrevo/escrevemos. Escrevemos desde o excêntrico lugar do que está fora, descentrado. Os que em minhas mãos escrevem e os outros que em minha mão desescrevem. Os que afirmam e os que subterraneamente erodem minha escritura (ACHUGAR, 1994, p. 15).

A biblioteca, esse espaço de acumulação, é também o espaço da política, profundamente marcado por questões de poder, de conservação e de exclusão: a memória e o saber que nela se produzem não podem ser pensados sem levar-se em consideração seu caráter necessariamente arbitrário, parcial e, muitas vezes, injusto. Daí sua potencialidade e risco, seu caráter de sonho e pesadelo, seu brilho e seu perigo. Agrupando espaço, gênero, matriz de conhecimentos e política, pensando a biblioteca como um espaço emblemático que metaforiza os processos de escrita de Jorge Luis Borges e Italo Calvino, literatura e biblioteca aproximam-se menos pelo caminho de um seguro ancoradouro que de uma viagem turbulenta. Mas a turbulência, se pensada como o movimento ininterrupto que tira do lugar comum, que afeta uma zona de conforto, como uma agitação que perturba a ordem, mostra-se ela própria como um caminho propício ao saber.

As bibliotecas de Borges e Calvino, assim, colocam Babel em movimento, fazendo do risco a matéria básica do pensamento: é a leitura dos livros de uma biblioteca o que garante seu movimento produtivo, que faz com que a mesma se constitua em mais que um mero espaço de armazenagem. Apenas a possibilidade de pensar através dos livros garante à biblioteca sua função de produção de saber: não basta, assim, acumular o conhecimento num processo infundável de registro, como em Funes (BORGES, 2007b), pois o pensamento depende de lacunas, de ausências, de esquecimentos, de associações e

escolhas que sempre são feitas mediante alguma falta. Se “a biblioteca é o espaço no qual a cultura e os saberes registrados são acumulados para não serem esquecidos, [...] para serem reapropriados infinitamente na criação do conhecimento” (MURGUIA, 2007, p. 10), é preciso que no vácuo entre Babel e Alexandria, entre a segurança e o perigo, construamos o espaço para a produção de um novo saber sobre a biblioteca.

Peter Burke (2003) afirma que a biblioteca enquanto instituição aumentou tanto de tamanho quanto de importância após a invenção da imprensa, ainda que não de forma homogênea em todos os lugares. Em meados de 1600, por exemplo, a Universidade de Louvain ainda declarava ser desnecessária a organização de uma biblioteca – eles justificavam essa recusa por considerarem que os professores eram “bibliotecas ambulantes” –, enquanto a Universidade de Leiden tinha uma boa biblioteca, que abria duas vezes por semana para os alunos e onde ocorria, em algumas situações, de os professores emprestarem suas chaves aos estudantes. Burke (2003) afirma ainda que não era apenas nas universidades que se dava essa alteração da importância das bibliotecas: bibliotecas privadas e públicas desvinculadas do meio acadêmico começaram a se afirmar como centros de estudos, locais de leitura e troca de informações.

Essa característica da biblioteca, de centro de produção de conhecimento, retoma em muitos aspectos as práticas alexandrinas de leitura erudita e movimentação do saber. É no espaço da biblioteca, a partir de seu acervo e da organização que lhe é impingida, que leitores dos mais diversos tipos traçam, reticular e transdisciplinarmente, os caminhos para novos saberes. A biblioteca apresenta-se, assim, como um “centro de cálculo”, lugar em que diferentes tipos de informações

acumuladas, provenientes de diversos locais, são reorganizados e transformados em conhecimento geral:

A partir do momento em que uma inscrição aproveita as vantagens do inscrito, do calculado, do plano, do desdobrável, do acumulável, do que se pode examinar com o olhar, ela se torna comensurável com todas as outras, vindas de domínios da realidade até então completamente estranhos. A perda considerável de cada inscrição isolada, em relação ao que ela representa, se paga ao cêntuplo com a mais-valia de informações que lhe proporciona essa compatibilidade com todas as outras inscrições (LATOURE, 2008, p. 29).

A biblioteca é, como os laboratórios, as expedições e as coleções, uma rede de transformações dos fenômenos em inscrições passíveis de serem acumuladas, ordenadas, colocadas em diálogo umas com as outras. Esses espaços são, assim, centros ativos de arquivamento, circulação e produção de saberes. É nesse colocar Babel em movimento, em transformá-la em mais que mero centro de acumulação de conhecimento, que reside o potencial produtivo da biblioteca (e, na perspectiva que aqui adotamos, da literatura como biblioteca): como rede de transformações, é preciso que a biblioteca disponibilize a diversidade e possibilite aos seus leitores e usuários o espaço para o pensamento, o diálogo entre os diferentes materiais, a reescrita dos textos arquivados na memória através da leitura. É preciso que se assuma o risco do pensamento, que se abra mão da busca de um porto seguro, pois é nos vãos e nas faltas de uma biblioteca sempre parcial, fragmentária e incompleta que o leitor vai mobilizar seu pensamento, associando e transformando as informações que acumulou.

Finalizamos este texto, pois, acrescentando ao ancoradouro inseguro do Leitor de *Se um Viajante* uma outra biblioteca, que faz do perigo as bases para a mobilização dos saberes. Em contraponto a Babel

(BORGES, 2007a), e compondo junto a ela uma imagem paradoxal, trazemos a biblioteca de Panduria, à qual se refere a trama de “Um general na biblioteca”, conto de Italo Calvino publicado em 1953. Em Babel predominava o rigor de um espaço geométrico, absoluto, violento e excessivo, que praticamente extinguiu de seu ambiente a figura do leitor. Como nota Lisa Block de Behar, em “El lugar de la biblioteca”, esse conto de Borges marca-se pelo estranhamento. Nele, o que se poderia prever como tendência – em se tratando da relação de Borges com a biblioteca e de suas práticas de citações, referências e desdobramentos de livros e autores – não se confirma: a “Biblioteca de Babel” é um dos textos em que Borges menos se vale desses procedimentos. Segundo a autora, é gritante no conto “a ausência, em uma biblioteca, de referências a livros, a omissão de autores, a falta de citações” (BEHAR, 2004, p. 34). Nessa biblioteca em que as referências eruditas e enciclopédicas, tão comuns na concepção estética borgiana, são escassas, os únicos leitores que marcam presença são “alguns buscadores oficiais que, ao longo de vários séculos, não investigam ou não querem encontrar nada; são ‘inquisidores’; não pressagiam nada novo nem bom, já se sabe” (BEHAR, 2004, p. 35). Já na biblioteca de Panduria é justamente o leitor e, ainda mais, o processo de uma leitura ramificada possibilitada pela biblioteca, a investigação e a busca que nela se desenvolvem, o fio condutor do conto.

O conto de Calvino narra o processo de instauração de um inquérito militar pelo Estado-maior da Panduria, que desconfiava que “os livros contivessem opiniões contrárias ao prestígio militar” (CALVINO, 2001, p. 74). Para resolver essa questão, é nomeada uma Comissão Militar de Inquérito, comandada pelo general Medina, com a obrigação de “examinar todos os livros da maior biblioteca de Panduria”

(CALVINO, 2001, p. 74). Com a ordem de só deixar a biblioteca após finalizado o levantamento e análise dos livros, o general Medina e sua equipe mudam-se para a biblioteca, que é fechada para o público, e contam apenas com o apoio de um velho bibliotecário da instituição, o senhor Crispino, “recrutado para explicar aos oficiais o lugar dos livros” (CALVINO, 2001, p. 75). Lá, são designados a cada tenente investigador “determinados ramos do saber” e “determinados séculos de história” (CALVINO, 2001, p. 75), que após serem analisados e classificados passariam pelo controle do general, que “aplicaria carimbos diversos, dependendo se o livro fosse declarado adequado para ser lido por oficiais e suboficiais da tropa, ou fosse denunciado ao Tribunal Militar” (CALVINO, 2001, p. 75).

O senhor Crispino, entretanto, faz muito mais que orientar espacialmente seus pesquisadores: é ele quem coloca a biblioteca em movimento, criando para os militares percursos de leitura que fazem do trabalho da comissão um verdadeiro instrumento para a produção de conhecimentos por parte de seus integrantes. O bibliotecário faz da turbulência oportunidade:

A floresta dos livros, em vez de ser desbastada, parecia ficar cada vez mais emaranhada e insidiosa. Os oficiais teriam se perdido se não fosse a ajuda do senhor Crispino. Por exemplo, o tenente Abrogati se levantava dando um pulo e jogava em cima da mesa o volume que estava lendo: – Mas é inacreditável! Um livro sobre as guerras púnicas que fala bem dos cartagineses e critica os romanos! Precisamos denunciá-lo imediatamente! – (Diga-se de passagem que os pandurianos, com ou sem razão, consideravam-se descendentes dos romanos.) Com seu passo silencioso dentro das pantufas felpudas, o velho bibliotecário vinha se aproximando dele. – E isso não é nada – dizia – leia aqui, ainda sobre os romanos, o que está escrito, também se poderá pôr isso no relatório, e isso, e mais isso – e lhe submetia uma pilha de volumes. O tenente começava a folhear os livros, nervoso, depois ia lendo mais interessado, tomava notas. E coçava a testa,

resmungando: – Santo Deus! Mas quanta coisa a gente aprende! Quem diria! (CALVINO, 2001, p. 76)

É interessante percebermos como, à medida que a pesquisa avança, diminuem os relatórios que classificavam os livros em bons ou maus, até o ponto em que cessam completamente. E se o general tentava controlar o trabalho dos tenentes e lhes inquiria sobre o motivo de terem deixado passar sem denunciar um livro que claramente “não respeita a ordem hierárquica”, os tenentes lhe respondiam com uma argumentação que incluía outros livros, autores e “raciocínios históricos, filosóficos e econômicos” (CALVINO, 2001, p. 77). Mais do que de um livro único, o saber potencializado pela biblioteca resulta da conjunção de diversos livros e do diálogo que eles estabelecem entre si e com seus leitores. Como na prateleira hipotética de Calvino (2009), os livros mobilizam uns aos outros, anulando-se ou ramificando-se a partir de suas combinações.

A biblioteca de Panduria apresenta-se, assim, como um legítimo centro de cálculo, como um espaço em que os conhecimentos armazenados são mobilizados num processo que abre os caminhos do saber àqueles que nela estavam trabalhando. Esse processo decorre de seleções, escolhas e percursos de leitura – no caso, traçados pelo bibliotecário – que fazem com que a impossibilidade da totalidade se converta na possibilidade do pensamento crítico. Conforme afirma Manguel, “uma biblioteca, seja qual for seu tamanho, não precisa ser lida por inteiro para ser útil; todo leitor tira proveito de um sábio equilíbrio entre conhecimento e ignorância, lembrança e esquecimento” (MANGUEL, 2006, p. 210).

Essa mobilização do potencial de produção de saberes da biblioteca está fortemente referenciada nas práticas do “ler para escrever” que eram a tônica do pensamento alexandrino. As chamadas práticas da leitura erudita – anotações de leitura, grifos, comentários, redação de novos textos, citações – resultam dos recursos da biblioteca e possibilitam um dinâmico estabelecimento de relações entre seus objetos, os livros, e o mundo em que se inserem. Na biblioteca, o leitor precisa criar suas próprias estratégias de leitura, memorização e apropriação do conhecimento, e é a partir destas estratégias que o “saber extraído dos livros é reelaborado, classificado, pronto para ser novamente mobilizado na escrita de novos textos, instrumentos de pesquisa, de reflexão e de compreensão do mundo” (JACOB, 2008a, p. 12).

Pensar a biblioteca como espaço de produção de saber é, assim, pensar as diversas leituras e as escritas dela decorrentes como processos em que o conhecimento se acumula e é reformulado continuamente. Aos estudantes que foram às ruas no final da década de 1960 clamar por pensamento original, tendo como palavra de ordem “Nada de citar aqui!” (MANGUEL, 2006), a biblioteca responde que o pensamento não se faz do nada, que ele se constrói a partir do já dito, de palavras já grafadas, lidas e interpretadas. Da mesma forma que Babel se mostraria inútil por acumular toda a escrita possível e não permitir sua recuperação, seria inútil ter à disposição dos olhos e do pensamento toda uma história do conhecimento e dela não usufruir: “Ler, interpretar, construir, desconstruir, convocar, esquecer, são formas de perguntar na e desde a biblioteca” (ACHUGAR, 1994, p. 19).

A biblioteca e a literatura em Jorge Luis Borges e Italo Calvino vão, assim, muito além de uma pura acumulação de livros e textos: elas

são projetos intelectuais, ordenações produtivas de um heteróclito material acumulado, um infindável arquivo disponibilizado ao desdobramento e às práticas da escrita. Entre Babel e Pandúria, o conhecimento se acumula e se desdobra, num processo interminável de produção de tradições e saberes não totalizantes, e sim ramificadamente multiplicáveis, organizados reticularmente, sempre indicando algumas (se não várias) linhas de fuga. Os diálogos com outros textos e autores e com saberes oriundos de distintos ramos do conhecimento, assim como o questionamento de uma originalidade absoluta do pensamento fazem das produções dos dois escritores um trabalho de limitrofia, de ultrapassagem de fronteiras, de mobilização contínua do pensamento. Em suas obras, como numa biblioteca, conhecimentos distintos, temporalidades incompatíveis, espaços longínquos e formas textuais múltiplas são aproximados, colocam-se em diálogo e originam um texto outro, aberto, poroso, permeável.

Mas essas bibliotecas vão ainda mais além: nelas temos inúmeras prateleiras vazias, à espera dos livros que aguardam por nossa leitura, e seções dedicadas às surpresas literárias que porventura nos encontrem. E se toda estante vazia é, conforme afirmou Alberto Manguel (2006), o prenúncio de livros futuros, é preciso pensar as bibliotecas de Borges e Calvino como núcleos irradiadores de um saber em perpétuo processo de formação, num movimento contínuo e infindável, múltiplo e dinâmico. Assim como nenhuma biblioteca um dia será total, ainda que assombrada pelos fantasmas de Babel e Alexandria, a produção de um saber narrativo (SOUZA, 2004; MOREIRA, 2007) nunca será também completa e unívoca: a literatura possibilita a construção de um saber que agrega em si a diversidade e que se produz numa zona fronteira que ele mesmo constantemente desloca e altera, um saber marcado

pela mudança e pela transitoriedade, enfim, pelo que Italo Calvino chama de incapacidade de concluir. Como Calvino, a essa altura temos a impressão de que qualquer conclusão se torna impossível e inviável, ainda que seja necessário ler a palavra “fim” para se poder seguir adiante. Mas chegamos ao ancoradouro, que se não é um porto seguro num mar turbulento, certamente pode funcionar como ponto de partida para novas viagens.

Referências

ACHUGAR, Hugo. *La biblioteca en ruinas: reflexiones culturales desde la periferia*. Montevideo: Trilce, 1994.

BEHAR, Lisa Block de. El lugar de la biblioteca. In: ROMERO, Julia (Coord.). *Jorge Luis Borges: Lectures d'une œuvre*. Paris: Éditions du Temps, pp. 32-55, 2004.

_____. Recordar, una palabra clave. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; VIEIRA, Elisa Amorim; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Imagem e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, pp. 23-40, 2012.

BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, pp. 237-246, 2007.

BORGES, Jorge Luis. La Biblioteca Total. In: BORGES, Jorge Luis. *Borges en Sur 1931-1980*. Buenos Aires: Emecê, pp. 24-27, 1999.

_____. A biblioteca de Babel. In: BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 69-79, 2007a.

_____. Funes, o memorioso. In: BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b. pp. 99-108, 2007b.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. Um general na biblioteca. In: CALVINO, Italo. *Um general na biblioteca*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 74-79, 2001.

_____. Para quem se escreve? (A prateleira hipotética). In: CALVINO, Italo. *Assunto encerrado: discurso sobre literatura e sociedade*. Tradução de Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 190-195, 2009.

CANFORA, Luciano. *A biblioteca desaparecida: histórias da Biblioteca de Alexandria*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Ed. UnB, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

JACOB, Christian. Prefácio. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Tradução de Marcela Mortara. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, pp. 9-17, 2008a.

_____. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Tradução de Marcela Mortara. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, pp. 45-73, 2008b.

LATOURE, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Org.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Tradução de Marcela Mortara. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, pp. 21-44, 2008.

MANGUEL, Alberto. *A biblioteca à noite*. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. *Saber narrativo: proposta para uma leitura de Italo Calvino*. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2007.

_____. *Literatura e biblioteca em Jorge Luis Borges e Italo Calvino*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma reflexão sobre o livro para além da informação. In: ENANCIB, 8, Salvador, 2007. *Anais*. Disponível em: www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3—078.pdf. Acesso em 03 jul. 2009.

PAULS, Alan. *El factor Borges*. Barcelona: Anagrama, 2004.

POMBO, Olga. O projecto enciclopedista. In: POMBO, Olga; GUERREIRO, António; ALEXANDRE, António Franco (Ed.). *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Duarte Reis, pp. 180-193, 2006a.

_____. Para uma história da ideia de enciclopédia. Alguns exemplos. In: POMBO, Olga; GUERREIRO, António; ALEXANDRE, António Franco (Ed.). *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Duarte Reis, pp.194-251, 2006b.

_____. O hipertexto como limite da ideia de enciclopédia. In: POMBO, Olga; GUERREIRO, António; ALEXANDRE, António Franco (Ed.). *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Duarte Reis, pp. 266-288, 2006c.

SOUZA, Eneida Maria de. Saberes narrativos. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 56-66, 2004.

Recebido em 05/07/2015. Aprovado em 07/10/2015.